

NEWS

Sinais anónimos em vez de reconhecimento facial

31 de agosto de 2026, Tobias Engl



Um ecrã deve informar. Um ecrã que, ao fazê-lo, mede toda a gente que passa entendeu mal a sua tarefa. Esta atitude está na origem da ScreenWay e está em cada linha de código.

Muita coisa no setor devolve o olhar. Câmaras estimam a idade de quem passa, adivinham o seu género, medem a sua atenção, leem nos rostos um estado de espírito. Isto é oferecido, isto é comprado, e uma parte está proibida no local de trabalho desde o Regulamento da Inteligência Artificial da UE. Nós prescindimos totalmente disso.

A ScreenWay não mede pessoas. Onde uma instalação precisa sequer de sinais, geram-se valores anónimos e agregados – quantas pessoas se encontram diante de uma superfície – e não quem elas são. Estes números ficam no aparelho. Nenhum rosto é guardado, nenhuma identidade é construída, nenhum perfil é criado.

Por detrás disto há mais do que o receio de coimas. Quem passa por um ecrã não lhe deve nada, muito menos o próprio rosto. Para nós, a proteção de dados não é um encargo que limita a funcionalidade, mas a forma como construímos desde o início.

Esta linha não custa eficácia. A relevância nasce daquilo a que um ecrã está ligado: o calendário, o stock, o turno em curso, o contexto do lugar. É o sistema por detrás que o torna inteligente, muito antes de uma câmara à frente dele poder contribuir com alguma coisa.

Para o operador, esta linha é um alívio. Nenhum consentimento a recolher à entrada, nenhuma imagens que alguém tenha de proteger, verificar ou apagar, nenhuma instalação que, em caso de incidente, se transforme em responsabilidade. O que não existe não pode ser usado indevidamente.

Outros constroem ecrãs que observam. Nós construímos software que mostra.

É toda a diferença, e é suficientemente importante para nós para a tornarmos regra.